



DICIONÁRIO DE LITERATURA

DIRECCÃO DE: JACINTO DO PRADO COELHO
(da Academia das Ciências e da Faculdade de Letras de Lisboa)

DICIONÁRIO DE LITERATURA

3ª edição

3º VOLUME

N/R

LITERATURA	PORTUGUESA
LITERATURA	BRASILEIRA
LITERATURA	GALEGA
ESTILÍSTICA	LITERÁRIA

1979

FIGUEIRINHAS / PORTO

Shi

DICIONÁRIO DE LITERATURA

LITERATURA	PORTUGUESA
LITERATURA	BRASILEIRA
LITERATURA	GALEGA
ESTILÍSTICA	LITERÁRIA

encontra semelhante exaltação de tal sentimento. No sincretismo cultural herdado da Idade Média, não será ousado afirmar que se dá a coincidência da sugestão platónica com a doutrina do amor cortês, de raízes cristãs, que persistiu no lirismo europeu. O que é tipicamente platónico é a ideia da ascensão da *sombra* ao *real*, da *beleza particular à beleza geral*, quando estes termos não são tomados como símbolos da subida da Terra para o Céu, da beleza das criaturas para a beleza do Criador.

Mas abordemos outros poetas de mais denso pensar. Aquela maldição que Antero de Quental lança sobre a luz, porque é *símbolo da mentira universal*, que transfigura em Vida «o bando de espectros lastimosos, / como sombras correndo atrás de um sonho»; aquele «pedir à forma em vão a ideia pura, e tropeçar em sombras», não parece vaga e remota lembrança da terminologia platónica, adaptada à sua visão schopenhaueriana do Universo?

Talvez não. Mas João de Deus, respondendo ao seu soneto *Fumo e cismo...*, de tão fundo negativismo, dentro do mesmo símbolo torna mais sensível tal lembrança. «Em fumo se vai tudo, amigo...» E, evocando com saudade o tempo que passou atrás das nuvens que nós mesmos *fazemos e desmanchamos*, termina: «Andasse ainda eu lá, desenganado / Mesmo já como estou de achar um dia / Essa pátria de onde ando desterrado».

Quando, no primeiro quartel do nosso século, atentamos nos poetas que vivem no clima de espiritualismo evolucionista comandado por Bergson, seria natural não deparássemos influência de um filósofo-poeta tal Platão, que não falava de *ascensão espiritual* senão porque a concebia precedida duma queda. E, todavia, Pascoas (v.), autor de uma obra poética em que o Universo é concebido como um Deus *in fieri* e em que o Homem «pelo sonho vai concluindo a imperfeita criação», escreve o *Regresso ao Paraíso* (v.). A dramática substância deste livro inclui a ideia da reconquista pelo Amor da unidade perdida, aspecto da doutrina que Leão Hebreu assentara sobre Platão.

Nesta visão panorâmica, não podemos deixar de englobar Fernando Pessoa (v.). Nele a sugestão platónica é mais nítida, e na mesma medida é expressa mais perto do original. Escreve: «Neste mundo em que esquecemos / Somos sombras de quem somos, / E os gestos reais que temos

/ No outro em que, almas, vivemos / São aqui esgares e assomos». *Esgares e assomos*, ou meros instrumentos de Deus. É esta a ideia nuclear da *Mensagem*: «Todo começo é involuntário. / Deus é o agente. / O herói a si assiste, vário / E inconsciente...» Nesta concepção do mundo, como na do Universo platónico, realiza-se na Terra o que se engendrou noutras esferas. E assim o mito de Ulisses: «Este, que aqui aportou, / Foi por não ser existindo. / Sem existir nos bastou. / Por não ter vindo, foi vindo / E nos criou. // Assim a lenda se escore / A entrar na realidade / E a fecundá-la decorre. / Em baixo, a vida, metade / De nada, morre».

Os dois últimos versos lembram — vê-se bem — a *esfera sensível* de Platão. Por cima, a *esfera inteligível*, ou seja (actualizando-lhe o pensamento), as ideias, os mitos, as vivas forças espirituais a que inconscientemente obedecemos.

H. C.

Bibl.: José Narciso Rodrigues, «A Filosofia de Leão Hebreu», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, t. XV, fasc. 4, Out-Dez. de 1959, pp. 349-386.

Neo-Realismo.

NA LITERATURA PORTUGUESA. Deu-se esta designação ao movimento literário surgido em Portugal por alturas do início da última guerra mundial. Antecedido por um período polémico assaz caótico, criou-se tal movimento sob a influência de tendências literárias que lá fora, na Europa e nas Américas, mostravam não desconhecer os mais instantes apelos do homem comum. Outra influência, essa negativa, ia gerando uma resistência interna aos esforços de introdução do romance de análise (cujo alvo é o indivíduo não caracterizado como elemento de classe) que, com certo atraso, se vinham desenhando nas nossas letras.

A prosa de ficção fora, entre nós, demasiado abandonada a si própria no primeiro quartel deste século. Movimentos renovadores como os da *Renascença Portuguesa* (v. *Saudosismo*) e *Orpheu* (v.), de tão diversa índole mas ambos de tão fundas repercussões, tinham descurado esse importante sector da cultura. Foi, de facto, um esforço revigorador e progressivo o operado pela revista *Presença* (v.), ao procurar integrar a mentalidade portuguesa nas coorde-

nadas literárias da época em que surgiu. Era essa, contudo, uma época de transição em que os valores humanos, a cujo reconhecimento visava o apostolado crítico da revista, tendiam a definir-se adentro do condicionamento histórico e social. A acção do grupo coimbrão encontrava, assim, os seus limites em circunstâncias afins daquelas que se propusera combater. O academismo, o pitoresco histórico e regional e o primado do estilo como elemento estético tinham sido arredados por concepções mais amplas. Mas urgia dar uma direcção à análise psicológica que se confinava no estudo de indivíduos neutros, e que pouco a pouco ia caindo numa espécie de complacência ante o arbitrário e o anormal.

Processava-se já, na América do Norte e no Brasil, uma aproximação dos problemas económico-sociais que ultrapassava os propósitos do grupo «presencista». A literatura russa moderna, ainda pouco conhecida, ia fazendo chegar, através de traduções francesas, alguns frutos sazonados da revolução; e, como era natural em país de tão rígida disciplina, a acção dos escritores foi codificada (1934), fixando-se os princípios do *realismo socialista*, que exigia do artista literário «a pintura verídica e historicamente concreta da realidade no seu movimento revolucionário». Descobria-se, com Gorky, que o homem «é uma unidade social e não um ser cósmico». Na Europa, os romances de Malraux, no plano histórico contemporâneo, como os de Silone, no plano social, mostravam, entre outros, a possibilidade duma literatura directamente deduzida das realidades do momento ou do passado recente.

Foram, pois, influências mediatas e imediatas, literárias e extra-literárias, as que assinalaram a escola nascente, impulsionada por uma ante-crítica que procurava no materialismo dialéctico o ponto de partida para a apreciação de todas as manifestações artísticas, e desferia os seus golpes contra a literatura dita «subjectiva». As primeiras tentativas não puderam deixar de ressentir-se duma voluntariedade que o eco das polémicas tornava urgente. Literariamente, os modelos mais à mão eram os brasileiros — Jorge Amado (v.), Amando Fontes, José Lins do Rego (v.), Graciliano Ramos (v.) — e foram estes que forneceram as sugestões mais directas, com o seu abandono e por vezes segura de expressão, o seu lirismo mal disfarçado na rudeza dos pormenores sexuais, o seu carinho



ALVES REDOL

pela infância e adolescência dos meninos abandonados ou dos filhos-família burgueses que vislumbravam uma vida intensa para além dos estreitos quadros familiares; ideologicamente, tentava-se romper as barreiras do fatalismo sociológico e buscavam-se avidamente os sinais duma consciência nascente nas classes menos favorecidas.

Em *Gaibéus* (1940) de Alves Redol (n. 1911) se pode marcar o aparecimento oficial do movimento sob os auspícios dum realismo lírico que seria a nota dominante da obra futura deste escritor, através das suas desigualdades de estilo. Já anteriormente alguns contos de Afonso Ribeiro, no livro *Ilusão na Morte* (1938), haviam iniciado, com a incipiência natural da juventude do autor, a largada para uma apropriação dos temas sociais. Mas para as exigências da escola não bastava descrever, por um lado as vicissitudes e aspirações dos pobres, por outro, os abusos e a cupidez dos ricos, embora a esse desenho esquemático se tenham cingido muitas páginas da fase experimental. Era preciso estudar as contradições da organização social nas suas fontes históricas, seccionar os problemas analisando as condições de vida do camponês e do operário e a sua projecção emocional, denunciar os dramas do progresso industrial na sua marcha inexorável, ressuscitar o regionalismo alargando o seu alcance, para além da mera descrição de costumes, a um significado universal. Tal era, aproximadamente, o programa

ambicioso a que uma geração mal preparada pretendia dar corpo, incitada por jovens propagandistas para quem a literatura era um pretexto, combatida por escritores feitos cujo grito de modernismo se via de súbito limitado a um eco de aspirações contraditórias, oscilando entre a exactidão analítica do velho Realismo e a explosividade sentimental do Romantismo.

Foi neste ambiente que Alves Redol, depois de *Gaibéus*, publicou *Marés* (1941), *Avieiros* (1942) e *Fanga* (1943). Seguiram-se *Anúncio* (1945), *Porto Manso* (1946) e os três volumes do *Ciclo Port-Wine* (*Horizonte Cerrado*, 1949, *Os Homens e as Sombras*, 1951, *Vindima de Sangue*, 1953) — tentativas laboriosas, em que a uma disciplina voluntária aos ditames do movimento se opunha a natural rebeldia dum estilo demasiado influenciável, umas vezes torrencialmente lírico, outras dominado por excessiva precisão nas descrições da faina da pesca ou do trabalho rural. Na atmosfera perturbada de início, os aplausos, nem sempre ditados por uma consciência literária muito pura, contribuíram para que este trabalhador das letras, apesar dos seus inegáveis dotes artísticos, se visse impedido de encontrar a serenidade necessária para a realização de obra meditada, digna do seu talento. Os seus livros *Olhos de Água* (1954) e *A Barca dos Sete Lemes* (1958) testemunham já o encontro do escritor consigo próprio, sobretudo o último, em que se sente inteiramente vencida a dificuldade de ajustar o seu temperamento literário a uma acção romanesca com continuidade e isenta de complacências ante um gosto literário formado por contingências de escola. Seguiram-se *Uma Fenda na Muralha* (1959), *O Cavalo Espantado* (1960), *Barranco de Cegos* (1961), *Histórias Afluentes* (1963) e *O Muro Branco* (1966).

Nos primeiros tentames, a imaginação e a psicologia foram bastas vezes substituídas pelo documentário ou a reportagem com leves tinturas romanescas e por uma caracterização de personagens feita a traços convencionais. Adentro destas limitações, *Sociro Pereira Gomes* (1909-49) publicou *Esteiros* (1941), espécie de compromisso entre o realismo e a poesia, tendo como fulcro a vida dos pequenos trabalhadores dos canais nas margens do Tejo, vagabundos nas horas vagas. A morte prematura do escritor não deixou que se confirmasse a bela promessa do seu único livro publicado em vida;

Engrenagem (1951), romance pós-tumo, bem dentro dos moldes da escola, não teve a ampla revisão que o autor se propunha fazer-lhe.

Pela importância que viria a atingir a sua obra, Fernando Namora (n. 1919) deve citar-se em seguida. Tendo-se estreado na poesia, extremamente jovem, dir-se-ia prolongar nos seus versos o subjectivismo dos «presencistas». O seu romance *As Setes Partidas do Mundo* (1938) não é propriamente um produto do Neo-Realismo, então em fase de formação; mas com ele iniciava-se a aspiração a um realismo psicológico que estava nas ambições do movimento e que, posteriormente, nas obras em mais aberto contacto com o público, seria quase esquecido. O mesmo intuito seria expresso com maior nitidez em *Fogo na Noite Escura* (1943), romance de intriga múltipla, mais tarde refundido (1956). *Casa da Malta* (1945) é a primeira contribuição de F. N. para a outra face do programa; e a sua compreensão dos problemas sociais, a sua experiência vivida, auxiliadas pelo treino adquirido nas obras experimentais, ditar-lhe-iam, além de *Retalhos da Vida de um Médico-I* (1949), livro que, pela perfeição estilística e pela sentida humanidade dos seus episódios, definitivamente chamou as atenções para o A., romances como *Minas de San Francisco* (1946), *A Noite e a Madrugada* (1950) e *O Trigo e o Joio* (1954), que em escala ascendente afirmam uma vigorosa personalidade. Com *O Homem Disfarçado* (1957), Namora ingressa no romance citadino, e na

FERNANDO NAMORA





«APERTADO PELA FOME», POR VESPEIRA

mesma senda atinge, em *Domingo à Tarde* (1961), o virtuosismo na análise psicológica, sem que fossem descurados os aspectos de crítica social. Os contos de *Cidade Solitária* (1959) e *Retalhos da Vida de um Médico-II* (1963) igualmente reflectem a integração no quadro lisboeta.

Em Carlos de Oliveira (n. 1921) encontra-se um prosador que trouxe da sua experiência poética uma linguagem sóbria e linear, pondo-a ao serviço de uma vocação romanesca inquietada e quase ascética, travada por exigências interiores. Os seus romances *Casa na Duna* (1943), *Alcateia* (1944), *Pequenos Burgueses* (1948), *Uma Abelha na Chuva* (1953), análogos pelo cenário e pelo estilo, sem embargo de entroncarem na tradição novelística portuguesa, remontando, sob alguns aspectos, à novela cami-

liana, tentam, de ângulos diversos, o processo da pequena burguesia dum meio recôndito e mostram, paralelamente, uma sub-humanidade surgida sob a pressão das leis económicas.

De Vergílio Ferreira (n. 1916), que, em experiências múltiplas, dispersou os seus dons expressionais por vários estilos e intenções, realizando uma obra descontínua mas valiosa, devem mencionar-se, pelas suas ligações mais directas com o Neo-Realismo, os romances *O Caminho fica longe* (1943), *Onde tudo foi morrendo* (1944), *Vagão J* (1946), *Mambã Submersa* (1954) e *O Apelo da Noite* (escrito de 1950 a 1953, publ. em 1963); todavia, já em *Mudança* (1949) o escritor iniciara uma viragem para o romance de ideias, ou, talvez mais propriamente, romance-ensaio, que, em concerto com os livros ensaísticos que

últimamente tem produzido, se afirmou em obras subsequentes, algo aparentadas com o chamado «nouveau roman», cujas coordenadas, como é sabido, de certo modo se opõem ao Neo-Realismo (v. *Contemporâneos. Em Portugal*).

Um neo-realista da primeira hora, o já citado Afonso Ribeiro (n. 1911), fez seguir ao seu livro de estreia uma série de romances em que se afadiga num esforço de realismo integral, despojado de efeitos estéticos ou confinando-os à nitidez das suas ásperas pinturas de miséria e degradação moral: *Aldeia* (1943), *Trampolim* (1944), *Escada de Serviço* (1946), *O Pão da Vida* (1956) e ainda a colectânea de contos *Povo* (1947). Manuel da Fonseca (n. 1911), cujo livro de contos *Aldeia Nova* (1942) se insere já numa espécie de classicismo neo-realista, até por uma saudável fuga aos preconceitos de escola, publicou ainda *Cerromaior*, romance (1943), *O Fogo e as Cinzas*, contos (1953), *Seara de Vento*, romance (1958) e *Um Anjo no Trapézio*, novela e contos (1968). Leão Penedo foi evocador das angústias do povo das cidades nos romances *Multidão* (1942), *Caminhada* (1943), *Circo* (1945) e *A Raiz e o Vento* (1954). E Manuel do Nascimento (1912-1966), em duas obras díspares (*Eu queria viver*, 1942, e *Mineiros*, 1944) mostrou disposições mal confirmadas em livros posteriores.

São de assinalar as revelações de escritores em plena vigência do Neo-Realismo, como Mário Braga, o contista e novelista de *Nevoeiro* (1944) *Serranos* (1948), *Quatro Reis* (1957), *Histórias de Vila* (1958), *O Livro das Sombras* (1960), *Corpo Ausente* (1961), *Viagem Incompleta* (1963) e *Antes do Dilúvio* (1967); Faure da Rosa, fundindo a análise psicológica com o estudo das vicissitudes da pequena burguesia cidadina em romances como *Fuga* (1945), *Retrato de Família* (1952), *Espelbo da Vida* (1955), *De Profundis* (1959), *Escalada* (1961) e *As Imagens Destruidas* (1966); Romeu Correia, que nos reconduz a um populismo já glosado nos livros de Redol e Pereira Gomes: *Trapo Azul* (1948), *Calamento* (1950), *Gandaia* (1952); e, mais fugazmente, Tomás Ribas, que em *Montanha Russa* (1946) procurou caracterizar as causas históricas da decadência da burguesia rural e em *O Cais das Colunas* (1959) se virou para o mundo do funcionalismo lisboeta.

Escritores experimentados sentiram-se atraídos, já por predisposição interior, já por adesão, que em alguns



«FARRAPEIRA», POR JÚLIO POMAR.

se revelou transitória, para as preocupações que de um modo ou de outro se iam tornando aliciantes: Aleixo Ribeiro em *Bairro Excêntrico* (1945), Domingos Monteiro em *Enfermaria*, (1945), Assis Esperança em *Servi-*

Prisão e Casa Mortuária (1943), Miguel Torga em *Vindima* (1945),

ção (1947)—mais tarde dar-nos-ia *Trinta Dinheiros* (1958) e *Pão Incerto* (1964)—, Castro Soromenho em *Terra Morta* (1949) e *Viragem* (1957), para não falar no Ferreira de Castro (v.) de *A Lã e a Neve* (1947), que apenas confirma as tendências reveladas desde *Emigrantes*, ou no Aquilino Ribeiro (v.) de *Volfrâmio* (1944), fugidia incursão do grande escritor nos domínios do actual.

No momento presente, podem considerar-se superados os mandamentos iniciais do Neo-Realismo. Serviu ele, contudo, a estimular o aparecimento de escritores, que, sem deverem obediência estrita a cânones forjados adrede, aproveitaram das conquistas apesar de tudo realizadas nos anos heróicos para melhor firmarem a sua personalidade. É o caso de um José Cardoso Pires, um Rogério de Freitas, um Garibaldi de Andrade, um Antunes da Silva, um Luís Cajão, um António Borge, um Manuel Ferreira. Há reflexos desta corrente literária em algumas obras de autoria feminina, principalmente nos romances de Maria Archer, Judith Navarro e Celeste Andrade; e em novelas recentes de Urbano Tavares Rodrigues insinuam-se preocupações de ordem social que parecem provir em linha recta das mais características tendências do movimento. Trazendo para a literatura personagens e ambientes apenas tratados acessoriamente desde o crepúsculo do velho Realismo, contribuiu o Neo-Realismo para um alargamento de visão que representa um enriquecimento literário, uma vez despojado do carácter exclusivista que assinalou os seus primeiros anos. V. *Contemporâneos. Em Portugal e «Novo Cancioneiro»*.

J. P. A.

Bibl.: António Ramos de Almeida, *A Arte e a Vida*, Porto, 1941; Franco Nogueira, *Jornal de Crítica Literária*, Lisboa, 1954; Tomás Ribas, «O. N.-R. e o romance português de tal tendência», in *Estrada Larga-l-*, Porto, s/d (1959); J. P. de Andrade, «Ambições e Limites do N.-R. Português», in *Tetracórnio (Meio Século XX de Literatura Portuguesa)*, Lisboa, 1955; J. Almeida Pavão, *Alves Redol e o Neo-Realismo*, Lisboa, 1959; Fernando Namora, «Esboço histórico do neo-realismo», in *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. VII, 1962, pp. 203-213; Victor de Sá, «O neo-realismo no surto actual da ensaística portuguesa», in *Vértice*, vol. XXIII, ns. 234-6, Março-Maio de 1963, pp. 238-243; Fernando Mendonça, *O Romance Português Contemporâneo*, Assis (S. Paulo), 1966; Idem, «O Romance Nordestino e o Romance Neo-Realista», in *Três Ensaios de Literatura*, Assis (S. Paulo), 1967; Mário Sacramento, *Há uma estética Neo-Realista?*, Lisboa, 1968.